

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

As conseqüências de governar para o mercado [The Consequences of Governing for the Market]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

| | |
|---------------|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Cardim Carvalho, Fernando |
| Publisher | Instituto Humanitas Unisinos - IHU |
| Rights | With permission of the license/copyright holder |
| Download date | 2026-07-08 02:20:41 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/162501 |

As conseqüências de governar para o mercado

Entrevista com Fernando Cardim Carvalho

O governo de Lula herdou um programa econômico desenhado pelo Fundo Monetário Internacional. Esse é o pensamento do economista Fernando Jose Cardim de Carvalho, professor titular no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, avaliou a atual situação política e econômica do País. Doutor em economia pela Universidade de Nova Jersey escreveu um capítulo no livro *Adeus ao Desenvolvimento: A Opção do Governo Lula*. Belo Horizonte, 2005, organizado por J. A. de Paula intitulado, *FHC, Lula e a desconstrução da esquerda*.

No texto, o professor diz que nem PSDB, nem PT deram qualquer ênfase real aos objetivos da esquerda democrática. Ambos governaram para o mercado e nos estreitos limites fixados por ele.

***IHU On-Line* - O modelo político econômico do governo Lula desgastou-se ou já começou mal?**

Fernando Cardim Carvalho - O governo Lula deu continuidade a um programa econômico herdado do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso e que tinha sido desenhado, em suas linhas gerais, pelo Fundo Monetário Internacional, quando concedeu financiamento ao Brasil para que atravessasse a crise cambial de 1999. Este programa consiste na conquista da confiança dos « mercados », palavra que designa os mercados financeiros locais e internacionais, na expectativa de que a aprovação do governo pelos mercados estimule empresas produtivas a fazer

investimentos, aumentar a produção, expandir o mercado de trabalho etc. Na prática, o pagamento de taxas de juros, excepcionalmente altas, a dívida pública e a priorização absoluta das despesas financeiras sobre todas as outras na alocação orçamentária ganham a confiança dos mercados financeiros. Tem-se assim uma combinação de políticas monetária e fiscal altamente perversas e com impactos perversos sobre a taxa de câmbio também do ponto de vista do crescimento. Nos governos FHC, a postura liberal deixou o País à mercê de movimentos desestabilizantes de capitais financeiros, como durante a crise mexicana, as crises asiáticas e depois a

crise russa, até o colapso de 1999⁵³. No governo Lula, essa mesma postura fez o Brasil crescer as menores taxas do mundo em um período em que a economia internacional esteve excepcionalmente favorável.

IHU On-Line - Em às divergências entre o grupo do ex-ministro Antonio Palocci e o do ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos. Qual sua avaliação?

Fernando Cardim Carvalho - A queda de Palocci não se deveu à sua política econômica, já que o próprio presidente insiste que não conhece outra, mas a escândalos de corrupção, favorecimentos e, ao final, de abuso de poder no episódio da violação do sigilo bancário do caseiro. É exasperante como neste país grupos que se alimentam por anos a fio da retórica moralizante entregam-se aos vícios de sempre quando chega sua vez. Mas, francamente, mais exasperante ainda é a falta de idéias substantivas para o futuro do País. É difícil imaginar uma quebra de confiança mais grave do que ver o próprio presidente referir-se ao seu próprio discurso de vinte anos como « bravatas ». FHC pediu que esquecessem o que escreveu. Lula simplesmente afirmou que o que disse antes era “balela”.

IHU On-Line - Muitos nomes estão sendo anunciados para a candidatura à Presidência da República. Que propostas econômicas podemos esperar deles?

Fernando Cardim Carvalho - Havia grande expectativa de que uma candidatura do José Serra, por mais paradoxal que isso possa soar,

⁵³ Colapso do Real. Houve uma alta na dívida pública e nos juros. (Nota da *IHU On-Line*).

considerando-se que Serra foi ministro de FHC, abrisse a possibilidade de discussão de alternativas efetivas de política. Serra, afinal, foi um crítico público das políticas econômicas de FHC, mesmo na qualidade de ministro da Saúde. A escolha do PSDB, no entanto, parece ter sido pela reafirmação de sua face mais conservadora. Alckmin é uma incógnita fora de São Paulo, mas os sinais que dá, de aproximação com a equipe de FHC, promete o pior. O ex-presidente Itamar Franco está sendo cogitado, mas parece pouco provável que consiga a indicação de um partido fragmentado como o PMDB. De qualquer modo, não há ainda qualquer indicação do que seria seu possível programa de governo. Apesar de sua personalidade mercurial, seu curto governo não foi ruim, sendo responsável pelo plano de estabilização que FHC espertamente tratou de dar seu nome. Garotinho seria, muito provavelmente, um enorme desastre. O estado em que está o Rio de Janeiro é prova viva da capacidade administrativa da família Garotinho. Além disso, o governo de sua esposa tem patrocinado desastres inacreditáveis, como o ensino da visão criacionista nas escolas do Estado. Só não nos tornamos uma piada mundial como no caso de Kansas porque poucos prestam atenção no que faz o governo do Rio. Seria inimaginável o que estas pessoas fariam com um ministério da educação nas mãos.

IHU On-Line - Com toda essa crise política o mercado brasileiro parece inalterado. É verdade?

Fernando Cardim Carvalho - Até agora, sim. As alternativas eleitorais que apareceram não representam nenhuma ameaça à continuidade das políticas implementadas nesses últimos doze anos. Com Lula ou com Alckmin o mercado está tranqüilo. Com Itamar, quem sabe?

Com Garotinho seria além da imaginação.

IHU On-Line - Aparentemente, na América Latina as políticas econômicas de esquerda e direita não apresentam grandes diferenças.

Exemplo disso é Lula no Brasil, Vázquez no Uruguai e Bachelet no Chile. O senhor concorda? O que aconteceu com a esquerda?

Fernando Cardim de Carvalho - Bachelet acabou de assumir, é difícil dizer o que será seu governo. Mas há diferenças importantes como, por exemplo, o caso do Presidente Kirchner, na Argentina, para não falar de experiências populistas como a de Chávez. Eu tenho a impressão de que o contraste entre Kirchner e Lula é mais interessante que a similaridade deste com Vázquez. O Uruguai não tem muito espaço de decisão autônoma, prensado pela convivência com dois vizinhos enormes, como o Brasil e a Argentina. Já a Argentina se confrontou com o FMI, por exemplo, e impôs seu ponto de vista. Manteve as políticas de juros que achou melhores e com isso conseguiu uma disciplina fiscal semelhante à do Brasil sem sacrificar seu crescimento. Suas políticas sociais têm uma natureza mais de apoio ao emprego do que a de Lula, mais abertamente assistencialista. No aspecto político, de forma ainda mais visível, Kirchner tem sido muito mais afirmativo no trato com seu próprio passado. Na Argentina de hoje, é impensável que o comandante do Exército lançasse uma nota como a lançada aqui em 31 de março, expressando orgulho pelo golpe militar.

IHU On-Line - A América Latina está vivendo um momento de mudanças. O que podemos esperar de, por exemplo Evo Morales? Haveria uma possibilidade de alianças entre Brasil,

Venezuela e Bolívia potencializando diversas fontes energéticas?

Fernando Cardim Carvalho - As relações com a Bolívia são sempre muito delicadas devido às diferenças de desenvolvimento e poder político entre Brasil e Bolívia, um dos mais pobres países do continente. O conflito atual com a Petrobrás, por exemplo, parece de difícil solução, porque do lado brasileiro o problema do gás é principalmente comercial, enquanto do lado boliviano é de soberania nacional. É possível que se chegue a uma solução aceitável para ambos, mas alianças com países de desenvolvimento similar, como a Argentina, mesmo que fora da região, como no caso da Índia e da África do Sul, são muito mais promissoras.

IHU On-Line - O senhor escreveu um artigo intitulado FHC, Lula e a desconstrução da esquerda. Quais as idéias fundamentais?

Fernando Cardim Carvalho - O PSDB e o PT apareceram como propostas de renovação da esquerda, substituindo a sua tradição revolucionária por uma tradição democrática. Assim, apesar do PT não gostar do rótulo, ambos nasceram com planos próximos ao do socialismo e da social-democracia européias. Incidentalmente, ambos também nasceram com ambições éticas mais notáveis, o PSDB de um grupo do PMDB que rejeitava o « quercismo », e o PT rejeitando toda a política partidária do Brasil. Como alternativas socialistas (no sentido europeu) e social-democratas, a retórica de ambos os partidos deveria privilegiar o pleno emprego, o crescimento e a distribuição de renda e riqueza, por meios estruturais e não apenas assistenciais, como, por exemplo, pela reforma tributária que desse efetiva progressividade aos impostos. Chegados ao poder, no entanto, nem PSDB, nem PT deram qualquer ênfase real aos objetivos

da esquerda democrática. Ambos os governos governaram para os mercados e nos estreitos limites fixados pelos mercados. A esquerda brasileira chega falida em meados da primeira década do milênio não porque se mostrou tão ou mais corrupta que todos os outros, por mais grave que isso possa ser, mas

porque chega desprovida de idéias e propostas. Deste revés, a esquerda democrática (porque aos poucos, é verdade, remanescentes da esquerda revolucionária dirão que a democracia "burguesa" é inócua) brasileira não se recuperará tão cedo.

destaques da semana

Entrevistas da Semana pg. 38

Filme da Semana pg. 46

Teologia Pública pg. 48